

Uma bailarina chamada Baderna

"As Constituições passam e as pátrias ficam."
Ruy Barbosa

OTTO LARA RESENDE

Está difícil encarar o presente sem cair na tentação do pessimismo. Durou tanto a tal transição democrática que empacou. Amassa barro. O sufoco da falta de alternativa suscita uma espécie de delírio. Todo mundo se pergunta o que é que vai acontecer — e ninguém tem a resposta. O jeito é ir levando. Devagar com o andor que o santo é de barro. Se o presente não dá pé, o futuro não dá estribo. Resta olhar o passado e quem sabe aí achar consolo.

Do alto de sua autoridade de memorialista, dizia Pedro Nava que o presente e o futuro não existem. Só existe o passado. Só o passado é visível e permite uma abordagem objetiva. Sejamos passadólogos. A futurologia andou em moda, mas errou tanto, sobretudo no terreno político, que acabou arquivada. Ou está provisoriamente desativada, depois da morte de Herman Kahn, que entre outros delírios ousou prever os próximos 200 anos.

Quanto mais difícil é enxergar o futuro, e até o futuro imediato, tanto mais prospera a obsessão de decifrar o dia de amanhã. Está aí a mania do horóscopo que não me deixa mentir. A astrologia é o Hudson Institute dos pobres, sem Física e sem Matemática. Na falta da fé, que remove montanhas de incerteza, qualquer crendice serve e assume ares de ciência exata. Já se fez em livro até o horóscopo do Brasil.

Se o horóscopo não deu certo, foi o Brasil que o entortou. Não se trata apenas de uma fácil paródia do verso de Carlos Drummond de Andrade. O Brasil não tem compromisso com a linha reta. Ainda uma vez, é o caso de recorrer à transição democrática. Se duvidar, ela daqui a pouco chega à maioridade sem sair do lugar. Poderemos tirar patente desse tipo de transição engarrafada. Uma espécie de passagem que não passa.

E já há quem ache melhor parar logo de uma vez. Voltar à cota zero, o que me traz de volta o Poeta. Com a sua licença, outra paródia chinfrim. **Stop.** O Brasil parou ou foi a Constituinte? No fundo, está tudo muito chinfrim. O adjetivo me lembra Graciliano Ramos. O seu ardente pessimismo, que era uma forma de torcer de pirulito pelo que lhe parecia melhor.

Atribuía-se a Graciliano a pilhéria de transformar Alagoas, seu Estado, num golfo. Desde menino, o Mestre Graça conheceu razões bem concretas para não ser otimista.

Homem feito, Prefeito de Palmeira dos Índios, Diretor da Instrução, aconteceu-lhe o que se sabe. Veio preso para a Ilha Grande. Era uma ameaça à Segurança Nacional, entidade que está de volta com a respectiva lei e os consequentes procedimentos judiciais-militares.

As vezes dá vontade de perguntar se não seria o caso de o Brasil ceder lugar a um belo golfo nesta parte do hemisfério... Do jeito que as coisas vão, custa acreditar que o País caminha — para a frente, não para trás. Mais um pouco e vamos completar o centenário da República. Cem anos de transição, com o ideal republicano no sonho e no máximo no papel. Pelo tamanho e pelo estágio a que chegou, ninguém dirá todavia que o Brasil é uma banana republic.

Como lá dizia a marchinha de Alberto Ribeiro e João de Barro, em 1938: "Yes, nós temos banana." Banana pra dar e vender. Banana e computador. Mas de república estamos em falta. Tratemos de evitar que as coisas piorem. Que ao menos a banana não seja de dinamite. E aqui convém olhar o passado e nele garimpar uma razão de confiança. Durante a Constituinte de 1946, também houve tumulto nas ruas do Rio de Janeiro.

Entre correrias, tiroteio e vítimas, circulou o boato de que a Constituinte seria fechada. Naquele tempo, o general que tinha sido o Condestável do Estado Novo, da ditadura, estava na Presidência da República. Mas eleito pelo voto direto a 2 de dezembro de 1945. Ainda assim, a situação era frustrante. E não faltaram vozes para dizer de saída que com aquela Constituição o País era ingovernável. Viriam a arruaça e a baderna. Entre parênteses: **Baderna** é o nome de uma bailarina italiana que andou pelo Rio em 1851.

Que diabo terá feito essa moça, para que o seu nome percorresse tão tortuoso caminho semântico? Seria o caso de perguntar ao Delso Renault, que gosta de investigar o passado. Ainda agora, acaba de sair pela José Olympio o seu livro "A vida brasileira no final do século XIX". 1987 está lá, inteirinho, em 1890. Até a baderna, no Largo de São Francisco. A dívida, a moratória, o casuísmo. As mudanças que não se concretizam. Resta pelo menos este consolo: não estamos inovando em nada. Que país monótono, santo Deus!